

MELHORIA NA RENDA

Número de pessoas nessa situação cai mais em BH, que já tem a 2ª maior classe média do país

600 mil saem da pobreza

SANDRA KIEFER E MARINELLA CASTRO

O número de pobres cai mais em Belo Horizonte do que no resto do país. A alta de renda e o emprego com carteira assinada ajudam a engrossar a classe média, que já representa mais da metade da população brasileira. Segundo estudo divulgado ontem pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), a capital mineira reduziu a pobreza em 39,6% entre 2002 e 2008. É o maior índice entre as seis regiões metropolitanas pesquisadas e está mais de 10 pontos percentuais acima da segunda colocada, São Paulo, onde a baixa renda recuou 28,1% no mesmo período. Com isso, a classe média belo-horizontina não fica para trás e já é a segunda maior do país, encostando na de São Paulo.

Em seis anos, 600 mil pessoas terão deixado a pobreza na Grande BH, dos 3 milhões de brasileiros que vão melhorar de vida nas regiões pesquisadas. No país, o contingente de pobres vai encolher quase um terço (26,7%), caindo de 32,9% em 2002 para 24,1% em 2008, conforme a previsão do instituto para o fechamento do ano, feita com base na projeção sobre os dados do primeiro trimestre. A maior queda na pobreza, entre 2002 e 2008, segundo projeções do Ipea, foi observada na região metropolitana de Belo Horizonte, onde o número de pessoas pobres cairá, de acordo com as estimativas, de 38,3% da população em 2002 para 23,1% da população em 2008.

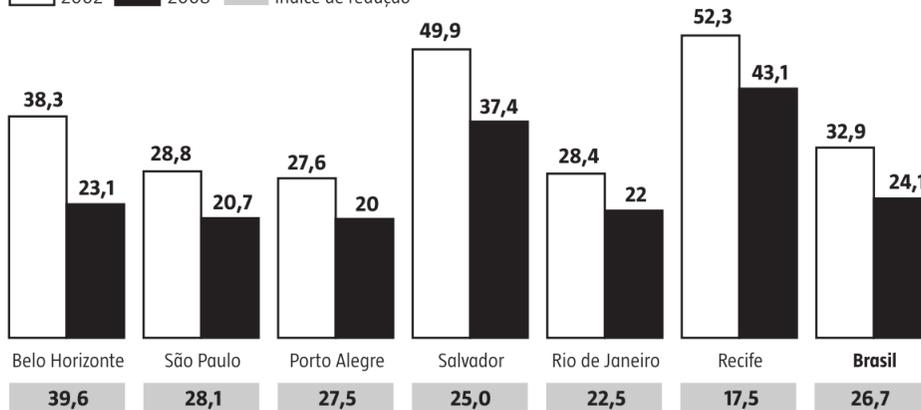
Na opinião de Márcio Rodarte, coordenador da Pesquisa de Emprego e Desemprego do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (PED/Dieese), o mercado de trabalho aquecido pode expli-

MUDANÇA DE STATUS

Queda na pobreza das regiões metropolitanas brasileiras, entre 2002 e 2008*

(em %)

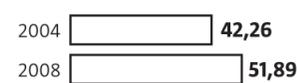
2002 2008 Índice de redução



População brasileira por classes

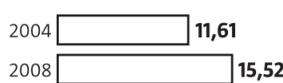
(em %)

Classe média

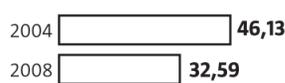


* Previsão para 2008

Classe alta



Classe baixa



Fontes: Ipea e FGV/RJ

car o índice positivo alcançado em Minas Gerais. "Belo Horizonte tem a melhor taxa de emprego entre as metrópoles pesquisadas", comenta Rodarte, lembrando ainda que o índice de desemprego na Grande BH atingiu seu menor índice desde 1995. "As políticas sociais e o mercado de trabalho melhoram os indicadores dessa nova

classe média", completa.

Apesar de ter apresentado de longe a maior redução na pobreza no país, BH não aparece nem entre as três primeiras capitais com a menor proporção de pobres no conjunto da população. Em primeiro lugar está Porto Alegre, com índice de pobreza de 20%, seguida de São Paulo, com 20,7% e Rio

de Janeiro, com 22%, sendo que as duas últimas são as mais populosas regiões metropolitanas brasileiras, nesta ordem. Ao enxugar a pobreza em quase 40%, BH na verdade consegue chegar mais perto do patamar das suas irmãs do Sudeste, atingindo 23,1% em 2008. O resultado é muito melhor em relação a 2002, quando o

índice de pobreza registrado em BH (38,3%) estava mais próximo ao de capitais nordestinas, como Salvador (49,9%) e Recife (52,3%).

"O Brasil tem registrado uma queda importante na pobreza, tanto do número de pobres quanto no percentual. O fenômeno é notado no restante do país e não apenas nas regiões metropolitanas", observa Fábio Vaz, assessor-técnico do Ipea. Ele atribui os bons resultados à contribuição dada por programas de distribuição de renda como o Bolsa Família e à conjuntura favorável do mercado de trabalho, que levou ao aumento real do salário mínimo e recordes seguidos da contratação com carteira assinada, que ultrapassa a marca de 1 milhão de trabalhadores desde 2004. A única exceção deu-se em 2003, quando todas as capitais registraram piora nos índices de pobreza em função do recuo da economia devido ao pânico gerado no primeiro ano do governo Luiz Inácio Lula da Silva.

Em 2003, até o número de ricos apresentou uma baixa de 1% da população brasileira para 0,8%, pelo mesmo motivo. Mas a previsão do Ipea para este ano é recuperar o mesmo patamar do início de 2002. Em termos quantitativos, haverá um aumento de 127 mil ricos no Brasil entre 2002 e a estimativa do instituto para o fim deste ano. Serão mantidas, portanto, as 476 mil pessoas ao todo que moram em famílias de alta renda no país, com rendimento superior a 40 salários mínimos (cerca de R\$ 16,6 mil). Com isso, o índice de riqueza volta a ficar estável em 1%. Para o Ipea, são consideradas pobres as famílias com renda de até meio salário mínimo per capita (R\$ 207,50).

Mineiros na cola dos paulistas

A classe média mineira também não fica para trás. Belo Horizonte já é a segunda capital brasileira na proporção de pessoas pertencentes à classe média, com 53,9% do total em 2006. Sai da quarta posição no país em 2002, com 40,71%, e encosta em São Paulo, com 54,6%, menos de um ponto percentual em relação à primeira posição pertencente aos paulistas, que, em 2002, estavam oito pontos percentuais à frente dos mineiros. "A família de classe média mineira está em ascensão", afirma o economista Marcelo Néri, que apresentou ontem o estudo sobre o crescimento da classe média brasileira realizado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) do Rio de Janeiro.

Segundo Néri, a performance de BH pode ser explicada, da mesma forma, pelo melhor resultado na geração de empregos formais, acima da média nacional de 2,7%. Em 2006, a capital mineira gerou 4,35% do emprego formal no país e, este ano, outros 4,2%. Só no primeiro semestre, foram criados 57 mil postos de trabalho com carteira assinada, conforme dados do Cadastro Geral dos Trabalhadores (Caged) do Ministério do Trabalho e Emprego.

No estudo sobre a classe média, a FGV compilou dados do Ministério do Trabalho e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que mostram a redução da pobreza em 13,5 pontos percentuais entre 2002 e 2008 em seis regiões metropolitanas (BH, São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Recife e Salvador).



MAIS PLANOS

A estudante Natália Gomes de Souza Freitas, moradora de Santa Luzia, na Grande BH, conseguiu há três meses seu primeiro emprego, como assistente de turismo. O salário de R\$ 500 foi decisivo para a mudança de nível de sua família, que, agora, com o rendimento de aproximadamente R\$ 1,5 mil acaba de migrar para a nova classe média brasileira. "Antes, só minha mãe e meu pai trabalhavam. Fico muito feliz em poder contribuir. Tenho planos. No ano que vem quero fazer faculdade de administração."

MAIS QUALIDADE

Valdivia Pereira Costa trabalha como diarista e está satisfeita com o progresso alcançado nos últimos dois anos. A renda média de sua família, superior a R\$ 1,5 mil, foi suficiente para adquirir bens de consumo, como eletrodomésticos e móveis novos, além de eliminar contas em atraso. "Queremos aumentar a casa, onde somos seis pessoas. Acho que no máximo em três anos vamos conseguir. O mercado está bom, trabalho a semana inteira."



Classe média já é maioria no Brasil

A classe média já representa mais da metade da população brasileira. Em 2008, irá atingir 51,89% da população, 10 pontos percentuais a mais do que os 42,26% registrados em 2004, segundo projeção da FGV. "O Brasil está deixando de ser a Belíndia (conceito criado pelo economista Edmar Bacha), mistura de Bélgica e Índia, passando a incorporar o Peru, país tipicamente de classe média. Seria algo como uma Belpérida", alerta Marcelo Néri, autor da pesquisa pela FGV.

Para a FGV, a classe média inclui famílias com renda entre R\$ 1.064 e R\$ 4.591. "Deve-se levar em conta o conceito de classe média dentro do contexto brasileiro, que auferir a renda média do brasileiro. Essa família está mais próxima da classe C e está ascendendo das classes D e E. Também as classes A e B estão em alta", explica o pesquisador.

Dentro do cálculo da FGV, entre 2004 e 2008, houve aumento de quatro pontos percentuais dos brasileiros de classe alta, com as famílias que ganham mais de R\$ 4.591, esse contingente cresceu de 11,61% para 15,52% da população. Já os brasileiros classificados como "classe baixa", com famílias que ganham menos de R\$ 1.064, caíram de 46,13% para 32,59% da população brasileira. "Mesmo com a crise externa, a classe média vai bem. Há uma diminuição da desigualdade e um crescimento da classe C, que esteve estagnada nos últimos 20 anos", ressaltou Néri.